

EDITORIAL

A primeira edição do Boletim do Observatório da Diversidade Cultural em 2020 tem como tema central as **Epistemologias Feministas**. Em seu conjunto traz reflexões sobre as mulheres que buscam contribuir para a superação de narrativas únicas e universalistas, dominadas por uma gramática normativa de um mundo contemporâneo hegemônico, eurocêntrico, norte-centrado, branco, patriarcal, racista, capitalista, de Primeiro Mundo.

Busca contribuir para a visibilidade de outras formas de produção de conhecimentos, sensíveis às especificidades locais dos territórios, seus contextos socioculturais e, sobretudo, os seus protagonistas, os quais precisam ser analisados a partir de diversas clivagens, como gênero, raça, classe, etnias, dentre outros marcadores sociais, para não incorrer no erro de homogeneizar ou normatizar formas de conhecimento.

Descolonizar olhares aqui significa atentar para os lugares de fala da produção de conhecimentos e como estes se realizam também na prática cotidiana e nos territórios não institucionais, reinventados pela luta política, onde o saber brota da percepção da vida, da produção de sentidos e das subjetividades. Lugares de resistência e reinvenção do sistema-mundo capitalista.

Diante da pluralidade e complexidade de saberes e fazeres que estão postos à diversidade cultural, esta edição busca abordar as **Epistemologias Feministas** apresentando um caminho que procura descolonizar perspectivas sobre a produção de saberes e fazeres de mulheres e suas contribuições para as questões feministas nos seus campos de atuação, na produção de pensamento, na afirmação de identidades e nas suas práticas políticas libertárias. Pretende apresentar experiências que envolvem a produção de conhecimento e o protagonismo de mulheres que se dispuseram a dialogar sobre saberes e fazeres interseccionados por questões de gênero/sexualidade, raça/etnicidade, classe social, trabalho e território aqui neste Boletim.

O conteúdo do Boletim foi construído por meio de entrevistas com mulheres de diferentes campos, saberes e territórios, além de obras da artista **Néle Azevedo** – todas intimamente ligadas às suas práticas políticas e formas de ser e estar no mundo, desestabilizando assim a ainda existente hegemonia do patriarcado, do racismo, do machismo e da homofobia.

A arte de Néle Azevedo traz percepções sobre o feminismo cruzadas com uma crítica social ampla. Os antimonumentos da artista subvertem a ideia de algo grandioso, eterno, celebração oficial, e trazem o olhar para o efêmero, o anônimo e o cotidiano. As esculturas de gelo, além da literal crítica ambiental, representam pessoas que estão em posição vulnerável em diferentes esferas, numa homenagem dirigida aos corpos invisibilizados – podem ser mulheres, negros e negras, indígenas, trabalhadores e trabalhadoras, e todos aqueles que estão submetidos a opressões, desigualdades e segregação social. São muitas as percepções despertadas em cada um que é convidado a interagir com sua criação artística.

A edição é composta por um conjunto de seis textos. O primeiro, ***“Descolonizando perspectivas sobre a produção de saberes e fazeres: o poder em movimento das epistemologias feministas”***, elaborado pelas editoras **Ana Paula do Val, Flávia Landgraf e Jocastra Holanda**, tem o objetivo de lastrear a discussão no contexto da diversidade cultural e apresentar um panorama sobre a pluralidade de epistemologias feministas e suas interseccionalidades.

Os textos seguintes apresentam cinco entrevistas. Na abertura, a breve narrativa sobre a própria trajetória – profissional, acadêmica, política e pessoal – dá as pistas e o tom do debate que seguirá. Por escolha das entrevistadas, quatro entrevistas foram respondidas por escrito e recebidas por e-mail, e em uma, realizada com a liderança indígena Mukani Shanenawa, as perguntas foram enviadas por escrito, via aplicativo de mensagem (Whatsapp), e as respostas obtidas por meio de áudios, que foram transcritos para este Boletim.

A entrevista de **Helena Silvestre, “Zona libertária, feminismo favelado e ancestralidade”**, abre um caminho para o conhecimento ancestral e comunitário feminino como tática de existir e resistir à

violência doméstica, ao feminicídio e ao descaso do Estado. Militante política nos Movimentos de Moradia e Movimentos Culturais das periferias, Helena também nos conta sobre a potência de experiências formativas feministas em territórios periféricos na cidade de São Paulo.

Ana Gualberto traz um retrato sobre a potência das mulheres negras em **“Na rua, no terreiro, no quilombo: mulheres negras em movimento”**. Carioca radicada em Salvador, Ana se dedica, há cerca de quatro décadas, à educação popular e às questões étnico-raciais. Também pesquisadora e candomblecista, ela nos fala sobre a importância da coletividade para o povo negro e da amplitude da luta das mulheres negras. Bebendo da herança de suas ancestrais, Ana Gualberto coloca em cheque os ensejos de quem hierarquiza opressões sociais e nos narra o movimento constante da busca por liberdade.

“Mulheres indígenas, liderança feminina e ancestralidade” apresenta os relatos de **Mukani Shanenawa**, Cacica e Pajé da aldeia Shane Kaya – aldeia composta em 90% por mulheres e localizada no município de Feijó, no Estado do Acre, na região Norte. Mukani fala diretamente da Floresta Amazônica sobre sua história, liderança feminina, ancestralidade, participação em espaços de militância política fora da aldeia e sobre a situação do povo Shanenawa nesse cenário de



Foto Nêle Azevedo. Esculturas em ferro fundido. São Paulo, Brasil. 1999.

pandemia.

A entrevista de **Nanda Rossi, “Bissexualidade, reconhecimento e feminismo”**, convoca um debate sobre a representação e o reconhecimento de mulheres bissexuais e o ganho no espaço político. Mineira e pesquisadora, Nanda fala da importância do olhar crítico às representações midiáticas e artísticas das experiências bissexuais e das amarras a que o pensamento binário sobre o mundo impõe. O apagamento da população bissexual e as especificidades da incidência do patriarcado em face à população LGBTQIA+ são narradas e articuladas por Nanda à necessidade de expansão das discussões para além da afirmação da identidade.

Para finalizar, a entrevista com **Andréia Moassab**, intitulada **“Produção do sensível e direito à cidade: por uma educação decolonial feminista”**, permite mergulhar em uma perspectiva de ensino decolonial, revelando, dentre outras assimetrias, as condições de visibilidade e o protagonismo das mulheres no campo crítico e projetivo da arquitetura e urbanismo, assim como a produção do sensível e de subjetividades nas artes. Além de tensionar a hegemonia colonial do imaginário de cidades que excluem os direitos e a representatividade das mulheres e outros gêneros em sua concepção. Paulista, atualmente residente em Foz do Iguaçu (Paraná), Andréia se dedica à crítica e ao ensino de Arquitetura e Urbanismo em uma perspectiva decolonial e feminista, como professora da Universidade Federal da Integração Latino Americana – UNILA e à frente da presidência do Sesunila Seção Sindical dos Andes.

Ao compartilhar pensamentos e práticas sob a perspectiva plural das epistemologias feministas, o Boletim ODC espera dar visibilidade e fazer refletir a respeito de como tais conhecimentos e modos de fazer e compreender o mundo afetam a vida de todos nós.

Às entrevistadas e à artista que cedeu as imagens de suas obras, nossos sinceros agradecimentos.

A todos, todas e todxs, uma ótima leitura.

Ana Paula do Val, Flávia Landgraf, Jocastra Holanda e José Márcio Barros

Coordenação Editorial do Boletim ODC

Junho de 2020